

A criticidade como elemento básico da qualidade da leitura *

Ezequiel Theodoro da Silva **

Para caracterizar, logo de saída, a principal conduta do leitor crítico, recuperamos um trecho do conto "A Aventura de um Automobilista", do escritor italiano Italo Calvino. Esse trecho diz o seguinte: "Para dirigir à noite até os olhos precisam como que retirar um dispositivo que carregam e acender outro, porque não têm que se esforçar para distinguir entre as sombras e as cores atenuadas da paisagem noturna a manchinha dos carros longínquos que venham de encontro ou que precedam, mas têm que controlar uma espécie de lousa negra que pede uma leitura diferente, mais precisa, porém simplificada, dado que o escuro apaga todos os detalhes do quadro que poderiam distrair e põe em evidência apenas os elementos indispensáveis, linhas brancas no asfalto, luzes amarelas dos faróis e pontinhos vermelhos. É um processo que acontece automaticamente, e se esta noite eu dei para pensar a respeito é porque agora que as possibilidades externas de distração diminuem as internas em mim assumem o leme, meus pensamentos correm por conta própria num circuito de alternativas e de dúvidas que não consigo desligar, em suma, tenho que fazer um esforço particular para me concentrar na direção."¹

Quem já dirigiu um carro à noite talvez possa sentir e comprovar a acuidade com que Italo Calvino descreve esse tipo de experiência. E nós tomamos uma carona nesse automóvel, nessa descrição tão bem elaborada, para dizer que o leitor crítico - *principalmente o leitor crítico desejado para o Brasil ou que o Brasil realmente necessita nos dias de hoje* - pode ser comparado a esse motorista dirigindo à noite e discriminando, distinguindo sinais entre sombras através de olhos bem abertos, precisos, concentrados, que aprenderam a evitar os perigos no sentido de não perder a direção.

De fato, estamos vivendo numa sociedade onde as distrações (ou desatenções ou irreflexões ou inadvertências) podem ocorrer a todo instante nos circuitos de circulação dos sentidos, nos diferentes meios de comunicação, nas diferentes linguagens sociais. Dentro de um cenário de muitas sombras e escuridões, próprio das sociedades conservadoras onde poucos detêm o poder e gozam dos privilégios, a ideologia dominante quer fazer a mentira parecer verdade, quer distorcer o real e, como decorrência, quer suprimir a objetividade dos fatos. Daí a existência das múltiplas formas de manipulação, exclusão e dependência em todos os cantos e recantos deste país, fazendo multiplicar, bem diante dos nossos olhos, seja de carro ou a pé, seja de

dia ou de noite, "(...) os trabalhadores sem trabalho, os estudantes sem estudo, os cidadãos sem cidadania."²

Ler um texto criticamente é raciocinar sobre os referenciais de realidade desse texto, examinando cuidadosa e criteriosamente os seus fundamentos. Trata-se de um trabalho que exige lentes diferentes das habituais, além de retinas sensibilizadas e dirigidas para a compreensão profunda e abrangente dos fatos sociais. Numa sociedade como a nossa, onde se assiste à reprodução eterna das crises e à naturalização da tragédia e da barbárie, a presença de leitores críticos é uma necessidade imediata de modo que os processos de leitura e os processos de ensino da leitura possam estar diretamente vinculados a um projeto de transformação social. Leitores ingênuos, pessoas impassíveis diante das contradições sociais e acostumadas à ótica convencional de perceber os fatos, muito provavelmente permanecem felizes em exercer a sua cidadania "de meia tigela", a bem daqueles poucos que detêm os privilégios.

Dentro de um contexto social tão constrangedor - de novos costumes ditados pela mídia ou pelos discursos sazonais do poder, mas mantendo sempre as mesmas desigualdades de base, cristalizadas historicamente tendemos ao chamado *vazio cultural*. Aqui, como lembra a professora Sonia Kramer, "(...) as palavras são uniformizadas, têm seus vários sentidos congelados ou são deixadas sem sentido nenhum. Importa cada vez menos o conhecimento e cada vez mais a informação, menos a compreensão e mais os fatos, as notícias. Penetrando nas mais diversas modalidades da linguagem - na jornalística, na política, na da televisão, na pedagógica, na linguagem comum - tal esvaziamento da linguagem elimina a expressão e afasta quem pronuncia as palavras do assunto que pretende discutir como as máquinas alienam cada vez mais o trabalhador de sua produção ou tal como, no dia a dia, os aparatos tecnológicos nos distanciam daquilo de que buscamos nos aproximar, compreender."³ O esvaziamento e a uniformização da linguagem, a pobreza discursiva em várias manifestações sociais indicam nada mais do que o esvaziamento e a inércia do pensamento no território brasileiro. Neste caso, então, ler criticamente significa "questionar as evidências"⁴ a fim de rechaçar a lógica da dubiedade que prepondera em sociedade, agindo no sentido de enxergar, com lucidez, os dois lados de uma

* Palestra proferida na abertura do III Fórum de Letras, na UNAMA, em junho de 1997.

** Ezequiel Theodoro da Silva é professor da Faculdade de Educação UNICAMP e Presidente de Honra da ALB - Associação de Leitura do Brasil

¹ CALVINO, Italo. "A Aventura de um Automobilista" In *Os Amores Difíceis*. Trad. por Raquel Ramalhe. SP: Cia das Letras, 1992, p. 139.

² LINHARES, Célia F. S. "Trabalhadores sem trabalho e seus professores; um desafio para a função docente" In *Formação de professores. Pensar e Fazer*. Nilda Alves (org.). SP: Cortez, 1992, p. 09.

³ KRAMER, Sonia. "Pão e ouro - burocratizamos a nossa escrita?" In *Trama e Texto. Leitura crítica. Escrita Criativa*. Lucídio Bianchetti (org.). SP: Plexus, 1996, p. 170.

⁴ KRAMER, Sonia, op. cit., p. 171.

⁵ CHARMEUX, Eveline. *Aprender a ler: vencendo o fracasso*. SP: Cortez, 1994, p. 13.

moeda, as várias dimensões de um problema, as múltiplas camadas de significação de um texto. Parodiando Caetano Veloso, ser um leitor crítico é desfiar e refiar o *avesso do avesso* de um texto no sentido de chegar às suas entranhas. E chegar às *entranhas* de um texto é, ao mesmo tempo, penetrar nas entranhas dos fenômenos da realidade à medida em que mundo e linguagem não são entidades separadas. Em suma, o leitor crítico tem sempre como norte (como um propósito implícito ou explícito ao longo desta atividade específica de leitura) chegar a um posicionamento, combatendo a simplificação ou a superficialização da realidade via discursos que a representam.

As teorias clássicas na área da leitura explicitam três posturas distintas para um leitor na sua interação com os textos: o **ler as linhas**, o **ler nas entrelinhas** e o **ler para além das linhas**. Acreditamos que é exatamente esta terceira postura, a de ler para além das linhas que melhor caracteriza o trabalho de interlocução de um leitor crítico. A ele interessa ir além do reconhecimento de uma informação; ir além das interpretações de uma mensagem. Ir além, neste caso, significa adentrar um texto com o objetivo de refletir sobre os aspectos da situação social a que esse texto remete e chegar ao cerne do projeto de escrita do autor. Mais especificamente, o leitor crítico deseja compreender as circunstâncias, as razões e os desafios sociais permitidos ou não pelo texto. Daí os procedimentos de peneiramento, as atitudes de reflexão e questionamento e os processos de julgamento que são típicos da criatividade em leitura. De uma leitura crítica quase sempre resulta uma avaliação de mérito, valor e/ou verdade das idéias produzidas e analisadas durante ou após a interação. A este respeito, vale a pena recuperar aqui a descrição feita por HUESLMAN das nove armadilhas que o leitor tem que evitar de modo a efetivar uma leitura de cunho crítico. São armadilhas da leitura crítica: "1. descuido para com possíveis erros na linha de raciocínio indutivo ou dedutivo, 2. falha no exame de alternativas, 3. falha na detecção de falsas analogias, 4. falha na constatação de generalizações apressadas, 5. falha na identificação de vícios do raciocínio (simplismo), 6. não estabelecer a diferença entre observações concretas e inferências do autor, 7. descuido na observação da mudança de sentidos de um mesmo termo, 8. não perceber distorções ou supressões da verdade, 9. permitir que emoções anestesiem as capacidades críticas durante a leitura."⁶

Se considerarmos que é próprio da democracia a convivência com o conflito e a diferença, evidenciados na maioria das vezes por lutas, controvérsias e polémicas nos campos do discurso e nas arenas sociais, as condutas críticas de leitura ganham um destaque bastante especial. Tanto a construção do cidadão como o exercício da cidadania esclarecida dependem, em muito, do desenvolvimento e domínio das competências críticas do leitor. De fato, não podemos nos situar frente a um debate, a uma polémica ou controvérsia, a menos que conheçamos e dominemos os códigos sociais da argumentação bem como os portadores de textos que expressam posicionamentos, análises e/ou

críticas dentro dos sistemas de circulação de sentidos. O leitor maduro - cuja maturidade incorpora a vertente crítica da leitura - é aquele "(...) capaz de dominar ao mesmo tempo a quantidade e a diversidade de objetos portadores de textos que a vida social propõe",⁷ dentre eles os vários portadores da estrutura argumentativa da linguagem, como é o caso, por exemplo do jornal e dentro dele as seções de *opinião*, *editorial*, *ponto de vista*, *debate* ou qualquer outra que venha a ser expressão de análise da realidade para efeito de delineamento de um ou mais posicionamentos ou, ainda, para efeito de convencimento ou persuasão. Mais especificamente, o leitor maduro é eclético no que se refere às variações e aos artefatos da linguagem e, ao mesmo tempo, movimenta-se com desenvoltura nas diversas situações funcionais de leitura. Por isso mesmo, esse leitor aprendeu e sabe que determinadas leituras vão colocar a necessidade de escolha entre alternativas; outras, a constatação; outras, a aceitação; outras, ainda, a reflexão mais demorada e profunda para orientar a construção de um posicionamento futuro.

Caminhando um pouco pelo terreno da sabedoria e das virtudes, diríamos que o leitor crítico pratica diante dos textos a vigilância e a astúcia, tendo como norte a sua própria segurança em sociedade. Esta prática não deve ser tão intensa a ponto de fazer o sujeito cair no esquecimento da própria vida, que afinal é sua e merece ser vivida. De passagem, convém recuperarmos o seguinte poema de Carlos Drummond de Andrade.

Os Ombros Suportam o Mundo

*Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus
Tempo de absoluta depuração
Tempo em que não se diz mais: meu amor
Porque o amor resultou inútil
E os olhos não choram
E as mãos tecem apenas o rude trabalho
E o coração está seco.*

*Em vão mulheres batem à porta, não abrirás
Ficaste sozinho, a luz apagou-se
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes
És todo certeza, já não sabes sofrer
E nada espera de teus amigos.*

*Pouco importa a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
preferiram (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem
A vida apenas, sem mistificação.⁸*

⁶ HUESLMAN, Charles B. Jr. "Promoting Growth in Ability to Interpret when Reading Critically: in Grades Seven to Ten." apud Smith, Henry P. & Dechant, Emerald V. *Psychology in Teaching Reading*. New Jersey: Prentice Hall, 1961, p. 359.

⁷ CHARMEUX, Eveline, op.cit., p.15.

⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. "Os ombros suportam o Mundo" In *O Livro das Virtudes*. Antologia de William J. Bennett. RJ: Nova Fronteira, 1995, p. 141.

És todo certeza, já não sabes sofrer. E o coração está seco. E os olhos não choram. Ficaste sozinho, a luz apagou-se. És todo certeza, já não sabes sofrer. As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios provam apenas que a vida prossegue e nem todos se libertaram ainda. És todo certeza, já não sabes sofrer. As palavras desse poeta maior, aqui reiteradas e reordenadas para efeito de destaque, podem ser tomadas como um alerta àqueles que se esquecem de que o mundo de criticidade também apresenta os seus limites - ultrapassá-los pode significar o afundamento da consciência na inflexibilidade comportamental ou sectarismo atitudinal, tornando a vida insuportável. Neste contexto vale lembrar a frase lapidar de Che Guevara "A luta vai endurecer, mas não podemos perder a ternura jamais!" - quer dizer: as nossas crenças e os nossos posicionamentos em torno da melhor organização da vida social podem vir a ficar cada vez mais antagônicos ou irreconciliáveis, exigindo sempre a nossa criticidade ou a nossa leitura crítica do mundo, mas esses comportamentos não podem levar ao enrijecimento dos nossos sentimentos enquanto seres humanos. Queremos dizer com isto que o leitor crítico carrega consigo as virtudes do equilíbrio, da responsabilidade, da perspicácia e do comedimento, - virtudes essas que, uma vez desenvolvidas e bem enraizadas no sujeito evitam que ele caia nas malhas do dogmatismo, do ceticismo ou, o que é bem pior, do niilismo frente a tudo e a todos.

As pesquisas sobre processos e práticas de leitura destes últimos 40 anos⁹ afirmam ser possível o ensino da leitura crítica nas escolas, dentro de um currículo espiralado e progressivo que vá, desde as séries iniciais, desenvolvendo as competências requeridas para esse tipo específico de leitura. Nunca é demais lembrar que cabe ao professor, além de explicitar as competências da leitura crítica para o efeito de organização do ensino, construir situações onde essas competências possam ser praticadas em projetos de comunicação efetiva, com textos verdadeiramente encontrados na vida em sociedade (editoriais, manifestos, panfletos, grafites, etc). O importante aqui é ter como meta para as atividades de leitura o desenvolvimento crescente das capacidades de julgamento, avaliação e apreciação de textos dentro de uma escola "(...) que busque não adestrar o homem, mas torná-lo inteiro - omnilateral -, desafiado pelo ofício de produzir sua vida, inventar novas formas de convivência social onde a singularidade humana seja outra face da pluralidade construída".¹⁰

Se anteriormente propusemos como meta maior do ensino da leitura crítica a *cidadania esclarecida* para todos os estudantes, então, torna-se um pré-requisito fundamental que a escola seja necessariamente cidadã, com professores cidadãos. Que essa escola e esses professores julguem, mas também abram-se para os julgamentos de cunho democrático em todas as suas esferas de atividades! Que essa escola e esses professores avaliem, mas também agilizem avaliações provenientes de seus diferentes interlocutores: alunos, funcionários e pais de família! Que essa escola e esses

professores critiquem, mas também instalem em todos os pontos da organização escolar a possibilidade de crítica e de debates visando o esclarecimento, a análise e o posicionamento democrático de todos! Que essa escola e esses professores assumam de uma vez por todas que os conflitos são os grandes propulsores da mudança e que naqueles ambientes onde os conflitos têm residência sadia a criticidade vigora, viceja e obviamente concretiza exemplos e testemunhos passíveis de multiplicação!

Iniciamos esta reflexão com uma metáfora: o leitor crítico comparado a um viajante noturno, dirigindo o seu automóvel no meio da escuridão. Essa metáfora pode ser agora mais adensada através das seguintes afirmações conclusivas:

(A) *semelhante a um motorista, o leitor crítico possui direção e destino, movido que é o seu meio de transporte - o próprio processo de leitura - pelo desejo de adensar as suas próprias maneiras de ver, de pensar e de refletir os múltiplos cenários da realidade social;*

(B) *semelhante a um motorista brasileiro, viajando em terrenos (sociais) geralmente esburacados e carentes de assistência, o leitor crítico não pode perder de vista a sua "defensiva" na vigilância contínua; as ultrapassagens dos status mais do que são sempre necessárias;*

(C) *semelhante a um motorista urbano, o leitor crítico tem que andar devagar, com os olhos bem abertos, atentando para as ruas sinuosas e nem sempre bem sinalizadas pela ideologia; quando os mapas e roteiros são criteriosamente estudados, nunca se entra em ruas sem saída;*

(D) *semelhante a qualquer motorista, o leitor crítico sabe que precisa de uma boa escola para tirar a sua carta e assim fazer a demonstração do domínio do processo ou, pelo menos, da freqüência a locais onde os conflitos possam ser freqüentes e ajuizadamente observados para efeito de aprendizagem duradoura.*

9 ROBINSON, Helen M. (org.). *Innovation and Change in Reading Instruction*. Chicago: the University of Chicago Press, 1968, p. 146-149.

10 LINHARES, Celia, F. S. op. cit, 28.